



Debates do Povo: O papel do mediador na construção da mensagem¹

Mônica ANDRADE²

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

O estudo investiga o papel do mediador diante de um debate radiofônico. O trabalho mostra que o apresentador, no seu papel de mediador do programa, vai além da função de mediar. Ele se posiciona claramente contra ou a favor do assunto tratado. Logo, o direcionamento, o ritmo e o andamento do programa são modificados com a posição tomada pelo mediador. Percebemos também que a construção da mensagem é mediada pelo apresentador tanto no aspecto de criar situações como na maneira de equilibrar ou não o debate entre os convidados, debatedores e ouvintes.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; Debates do Povo; Mediador; Mensagem

O Debate na mídia radiofônica

A história do rádio é marcada por belos áudios, radionovelas, coberturas instantâneas no jornalismo, a voz do locutor narrando o jogo de esporte, o “bom dia” dos apresentadores, aquela vinheta marcante, os debates e embates que se realizaram a respeito de temas palpitantes que muitas vezes pouco interessa para quem acompanha. E para cada objetivo, uma proposta, uma idéia, uma estrutura. Assim trabalha os produtores dos programas midiáticos. No rádio, temos diversos formatos, entre eles o noticiário, entrevista, nota, boletim, reportagem, documentário, debate e muitos outros. O formato dos programas de rádio são espécies de modelos que se encaixam nas formas de como a informação será trabalhada e transmitida.

O trabalho está direcionado ao formato debate, cujo nome nos leva a entender que um programa nesse formato envolve a discussão de um assunto por pessoas com idéias e posicionamentos diferentes. Para muitos, o debate radiofônico é a forma mais viva da polêmica, é uma discussão existente entre debatedores, um enfrentamento entre

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual –GP Rádio e Mídia Sonora do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN, email: monnyandrade3@gmail.com.



duas posturas opostas. Os pensamentos divergem sobre o mesmo conceito do formato debate. O autor Barbosa Filho (2009) trabalha o conceito de Mesa-Redonda sendo o mesmo que Debate. Para ele, ambos são espaços de discussão coletiva em que os participantes apresentam idéias diferentes entre si, enquanto que a mesa-redonda é composta por especialistas que tem ou não valores comuns em que procuram esclarecer o público sobre determinados temas.

Já o pesquisador Artur Ferraretto não considera o mesmo conceito de *mesa-redonda* e *debate*. Para ele, a opinião de convidados ou de participantes fixos constitui a base da mesa-redonda, tradicional tipo de programa radiofônico que procura aprofundar temas da atualidade, interpretando-os. Para Ferraretto (2001), há dois tipos de mesa-redonda e o debate é um deles. Geralmente os programas de debate em rádio acontecem com a mediação de um apresentador imparcial e a participação de dois convidados apresentando diferentes visões. Barbosa (2009) descreve que normalmente os espaços de discussão coletiva são mediados por um apresentador que impõe as regras previamente aceitas pelos participantes, tendo em vista delimitar o tempo de fala de cada um, organizar as perguntas e a seqüência das respostas.

Ele pode ainda interromper de forma construtiva a discussão entre os participantes. O apresentador precisa saber identificar e lidar com atitudes que visam desviar a atenção. Para isso, ele precisa saber qual o rumo que deve dar ao debate, ele deve controlar o tema, esclarecendo termos técnicos ou linguagens específicas dos participantes. O mediador ainda deverá agir de forma neutra para não interferir nas conclusões do ouvinte sobre os temas. Conforme o autor Mcleish (2001), o ideal é que seja uma pessoa culta, firme, sensível, de raciocínio rápido, imparcial e educada. Ele ou ela deverá estar interessado em quase tudo e precisará ter senso de humor.

A principal tarefa do mediador é proporcionar oportunidades iguais de expressão para todos os participantes. Isso talvez exija interrupção e encorajamento. Acima de tudo, ele precisa saber identificar e lidar com atitudes que visam desviar a atenção e também evitar as digressões. Para fazê-lo, ele precisa saber qual o rumo que deve dar ao debate e ter a pergunta adequada na ponta da língua para que a interrupção seja categórica, construtiva e cordial. (MCLEISH, 2001, p.110)

O autor Mcleish ainda deixa claro que o assunto a ser abordado na transmissão de um debate deve ser de interesse público. O objetivo é fazer o ouvinte ficar a par de argumentos e contra-argumentos expressos em forma discursiva por pessoas que de fato sustentam suas opiniões com convicção. Para ele, o programa de debate é uma contribuição para a área mais ampla dos debates públicos e pode ser visto como parte do



papel positivo desempenhado pelo radialista numa sociedade democrática. Mais ainda, quando o debate é aberto para a participação dos ouvintes. O que normalmente ocorre através do telefone e das redes sociais. Os ouvintes ligam para a emissora de rádio e se posicionam, os comentários são os mais diversos possíveis, a produção do programa decide como agir diante desta questão. O programa deve atingir seus objetivos em relação à participação dos ouvintes, seja como forma de preenchimento do tempo do programa ou de utilidade e interesse público.

A Construção da mensagem

O rádio possui características como o imediatismo, a instantaneidade, simultaneidade e a rapidez no processo de comunicação. Franzão (2006, p.57) faz uma reflexão do meio sobre o poder que ele tem em emocionar, divertir, informar, formar, orientar, alertar, despertar, contagiar, inspirar, instigar e vender. Cabe a equipe de produção utilizar as técnicas jornalísticas, adequadas ao seu interesse, na cobertura do fato e na construção da mensagem. “Uma narração excessivamente lenta poderá transmitir uma sensação de angústia; um silêncio prolongado provocará inquietação no receptor, e assim por diante” (MARCHAMALO & ORTIZ, 2005, p.21). A transmissão da informação além seguir determinados critérios de abordagem também é trabalhada de forma diferenciada nos meios de comunicação. No rádio, por exemplo, esta informação tem como um dos objetivos, a clareza. Pois a palavra dita no rádio deve ser entendida no momento da transmissão, pois nem sempre conseguimos resgatá-la.

O Rádio não é considerado apenas como transmissor de informação, mas uma mídia capaz de estabelecer formas que geram determinado sentido. Entende-se que a realidade é reconstruída e assim a deixa de ser realidade. Essa produção de sentido envolve a busca principalmente de objetivos institucionais. Os dispositivos aqui mencionados se referem às estratégias de produção, ou seja, critérios utilizados pela mídia para transmitir uma idéia. No rádio temos a colocação de determinada trilha sonora, a seleção de notícias, seleção de entrevistados, colocação de opinião, a entonação de voz e muito mais, vai depender do objetivo. A equipe de produção elabora o discurso estruturando suas idéias no roteiro do programa com base em seu formato.



Neste sentido, o dispositivo (livro, jornal, canção, disco, filme, etc) existe antes do texto, ele o precede, comanda sua duração (a duração de uma canção ou de um filme é um a priori de sua produção) e a extensão (um romance se inscreve entre um número mínimo e máximo de páginas que, evidentemente, variaram ao longo da história) (MOUILLAUD, 2002 p. 33)

Entende-se que o dispositivo prepara o sentido. Isso está na vinheta do programa radiofônico e nas mudanças de bloco, em que o ouvinte já se prepara para receber tal informação e já sabe o que vem após determinado sinal. Ou seja, a estratégia da mídia utilizada para identificar, aproximar e chamar a atenção do ouvinte para o programa equivale a execução do sentido. Se o efeito é positivo, o público identifica o sistema. Essas mediações que envolvem o processo de produção não começam nem termina com um texto singular conforme o pensamento de Silverstone (2002). Entender o gênero como um mecanismo de codificação é fazer referência a um sistema de regras que envolvem objetivos e intenções no processo de construção de determinado programa radiofônico. Conforme Stuart Hall (1997), ao tratar de Codificação/Decodificação, o sentido começa com a construção da mensagem durante o discurso. Para a produção de um programa é fundamental que haja redes de produção, estruturas institucionais, estruturas técnica e organização nas relações. Ao construir o espaço do ouvinte, a mídia utiliza-se de códigos para transmitir determinado sentido.

O processo de produção não é isento de seu aspecto discursivo: ele também se constitui dentro de um referencial de sentidos e idéias: conhecimento útil sobre rotinas de produção, habilidades técnicas historicamente definidas, ideologias profissionais, conhecimento institucional, definições e pressupostos, suposições sobre a audiência e assim por diante delimitam a constituição do programa através de tal estrutura de produção (HALL, 2003 p. 389)

O Programa Debates do Povo

O Debates do Povo é um dos principais e mais antigos programas da Rádio O Povo CBN Fortaleza. Com um pouco mais de trinta anos de existência, ele é tido como o programa de maior importância na formação da opinião pública. Seu esquema possibilita a multiplicidade de opiniões, diversos ângulos levam o ouvinte a conceber a sua própria ideia sobre determinado assunto. O ouvinte tira suas próprias conclusões em cima do que é dito no programa pelos debatedores e convidados. Mas, também tem a oportunidade de realizar comentário sobre o tema e as opiniões dos debatedores durante o programa. Durante uma hora de programa, o apresentador usa de estratégias para o



ouvinte interagir com os assuntos discutidos e com as opiniões dos convidados. O mediador do debate usa da linguagem radiofônica para convidar o público a participar da conversa e deixar seu comentário. As formas de interação apresentada pelo programa envolvem a participação do público por e-mail, twitter e telefone.

O mediador no debate

Na primeira semana do mês de abril, a mídia deu destaque ao caso da cantora Daniela Mercury, que anunciou e assumiu publicamente o casamento com outra mulher, a produtora de Televisão Malu Verçosa. Logo, o programa Debates do Povo teve como proposta discutir a união civil entre pessoas do mesmo sexo. Esse foi o foco, o ângulo que a redação resolveu trabalhar em cima da matéria sobre o casamento da cantora. Para a discussão, o programa contou com a presença do jornalista *Emerson Maranhão*, o advogado *Djalma Pinto* e o professor e também advogado *Carlos Rebouças*.

O apresentador *Rui Lima* deu início ao programa com a seguinte questão: “O casamento entre pessoas do mesmo sexo é legal, saudável, imoral, ilegal ou engorda?”. O apresentador direcionou a pergunta ao jornalista Emerson e em seguida deu a palavra ao advogado Djalma. Até o momento, percebe-se que o formato do programa em análise é de “mesa-redonda” do qual Barbosa (2009) relata que a proposta segue em interpretar e aprofundar um tema, obter várias visões de um mesmo assunto. O apresentador segue fazendo questionamentos a respeito do tema, observa-se na transcrição (Programa exibido em 08/04/13):

RUI – Quer dizer que hoje no Estado do Ceará, se dois homens ou duas mulheres quiserem se casar, elas chegam diante de um juiz e manifesta esta ou essa vontade, e o juiz é obrigado a conceder o casamento, a fazer o casamento civil entre duas pessoas?

EMERSON – Exatamente. Como é obrigado a fazer um casamento civil entre um homem e uma mulher que queiram se casar.

RUI – Djalma, do no plano federal existe algum projeto tramitando no congresso nacional a respeito da união civil entre homossexuais?



DJALMA – O que se tem realmente, o Emerson tem razão, é que o supremo examinou essa questão e extraiu dos princípios que estão inseridos na constituição que tem efetividade que não é só uma regra que está escrita, mas também os princípios que estão ali consagrados, eles tem força normativa.

A seguir nota-se que o mediador busca esquentar o clima entre os debatedores. Ele sabe que para conseguir seu objetivo, com interesse na audiência e na própria dinâmica do programa, algumas atitudes devem ser tomadas. E diante de um tema tão polêmico e no auge da discussão sugerida pela mídia, o apresentador resolve quebrar a fala do advogado Djalma Pinto fazendo com que a sua opinião do ponto de vista jurídico se transforme em opinião “pessoal”. Ou seja, o mediador do debate sabe as técnicas para polemizar a discussão e chamar a atenção do ouvinte para aquele acontecimento.

RUI – Eu queria saber do nosso debatedor Djalma Pinto, que até agora se manifestou do ponto de vista teórico e jurídico, você tá em cima do muro Djalma, você é a favor ou é contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo?

DJALMA – Rui, veja, veja.

RUI – Queria saber sua opinião, desce do muro!

DJALMA – Eu já me manifestei! E já me manifestei! Eu acho que sob o ponto de vista, é, normativo, não existe a previsão. Agora, como ele diz, a decisão do supremo é vinculante.

RUI – Não, não, não, eu quero saber é

DJALMA – Eu como juiz, eu precisaria estudar melhor o assunto Rui para me manifestar.

RUI – Mas, eu não to perguntando



EMERSON – Ele ta perguntando é a pessoa física, não é a jurídica não.
(risos)

DJALMA – Rapaz eu pessoalmente, eu sinceramente não tenho opinião formada sobre o assunto. Eu acho o seguinte: Primeiro, você, lei é feita por maioria. A maioria, isso é uma base da democracia. Se esse sistema é perfeito ou não, eu não sei. Mas, o fato é que a maioria ela deve decidir. Por outro lado, temos que reconhecer que todo mundo tem direito a felicidade. Se o cidadão acha que realmente essa opção é a melhor que existe, e se isso não causa dano ao grupo social, essa seria a opção mais saudável pra ele.

Diante de um comentário da ouvinte, *“Estela Mares está no Meireles, diz que está muito claro que o professor Rebouças é homofóbico”*, o apresentador que foi claro em mostrar o seu posicionamento diante do tema (a favor do casamento entre pessoas do mesmo sexo) faz a seguinte pergunta ao advogado Carlos Rebouças: Professor, o senhor é contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo ou o senhor é contra os homossexuais também? Nota-se que o mediador ao saber da opinião do advogado, que diverge da sua opinião, o coloca em uma situação não tão confortável ao vivo no programa. A sua postura de mediador lhe possibilita mediar a discussão. A “neutralidade” dita por Mcleish (2001) como uma postura referente ao papel do mediador acaba não existindo quando se compara com a realidade.

RUI- O Rogério Brandão, não sei de que bairro que ele é, ele diz que ontem o Fantástico passou meia hora falando sobre a decisão de uma cantora. Ele está se referindo a Daniela Mercury, que resolveu se casar com outra mulher. E é assim, ele diz que a culpa é da mídia.

RUI – O que tem uma coisa com a outra, Rogério? Eu não vejo essa relação de causa e efeito, né. Mas, já falamos sobre isso.

RUI – Pois é Emerson, mas o que você ta dizendo, você acha que uma pessoa, como o professor Rebouças, que é contra o casamento entre



pessoas do mesmo sexo, esse tipo de posição de alguma forma incita a violência contra as pessoas do mesmo sexo que se casem e que estão juntas?

Considerações Finais

O trabalho mostra que o apresentador, no seu papel de mediador do programa, vai além da função de mediar. Ele se posiciona claramente contra ou a favor do assunto tratado. Logo, o direcionamento, o ritmo e o andamento do programa são modificados com a posição tomada pelo mediador. A construção da mensagem é mediada pelo apresentador tanto no aspecto de criar situações como na maneira de equilibrar ou não o debate entre os convidados, debatedores e ouvintes. A neutralidade tão desejada é impossível encontrar, seja nas atitudes do apresentador e suas opiniões, seja no foco, ângulo ou enquadramento que a produção toma diante das informações, seja na abordagem e o envolvimento com os ouvintes, seja na escolha dos debatedores e convidados e em muitos outros posicionamentos tomados pela empresa jornalística. Intervir no debate com neutralidade ainda é uma proposta e não uma realidade aos apresentadores e mediadores dos programas de debate radiofônico.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Filho André. **Gêneros Radiofônicos: os formatos e os programas em áudio**. Editora: Paulinas, 2009

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FRANZÃO NETO, Angelo. **Midiatização: O poder da mídia**. São Paulo, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 1997. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guarareira Lopes Louro.

HALL, Stuart. Codificação/Decodificação. In: _____. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 387-404.

MARCHAMALO, Jesus & ORTIZ, Angel Miguel. **Técnicas de Comunicação pelo rádio**. São Paulo, Loyola, 2005.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio: um guia abrangente de produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: PORTO, Sérgio D.; MOUILLAUD, Maurice (orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: UNB, 2002, p. 29-35.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia**. Edições Loyola, 2005.